

# Na Ponta do Lápis

ano IX – número 21  
fevereiro de 2013



## Mosaico do Brasil

Mais uma vez, a Olimpíada retrata aqueles que ensinam e aprendem a nossa língua.

**COORDENAÇÃO TÉCNICA**  
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,  
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

**CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO**

**Coordenação**

Sônia Madi

**Texto e edição**

Luiz Henrique Gurgel  
Maria Aparecida Laginestra  
Regina Andrade Clara

**Revisão**

Rosania Mazzuchelli  
e Mineo Takatama

**Edição de arte**

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

**Ilustrações**

Criss de Paulo

**Editoração**

AGWM Editora e Produções Editoriais

**Tiragem**

150 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**Contato com a redação**

Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP

CEP 01244-010

Telefone: 0800-7719310

*e-mail:* [escrevendofuturo@cenpec.org.br](mailto:escrevendofuturo@cenpec.org.br)

[www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br)

INICIATIVA



Escrevo porque tenho sonhos dentro de mim,  
porque me é urgente contar coisas, como  
se um livro fosse uma partilha. E também escrevo  
porque tenho histórias para contar.

Ondjaki (Nдалu de Almeida)

## **editorial**

Trabalho de uma década

**4**

## **entrevista**

Alcides Villaça  
Dedos de prosa poética

**6**

## **reportagem**

Missão cumprida!

**12**

## **especial**

Caminhos cruzados

**24**

## **página literária**

José Santos  
Cordel das cidades olímpicas

**28**

## **de olho na prática**

Conversa vai, escrita vem

**30**

## **óculos de leitura**

A contadora de histórias ou a moça tecelã

**40**

## Trabalho de uma década

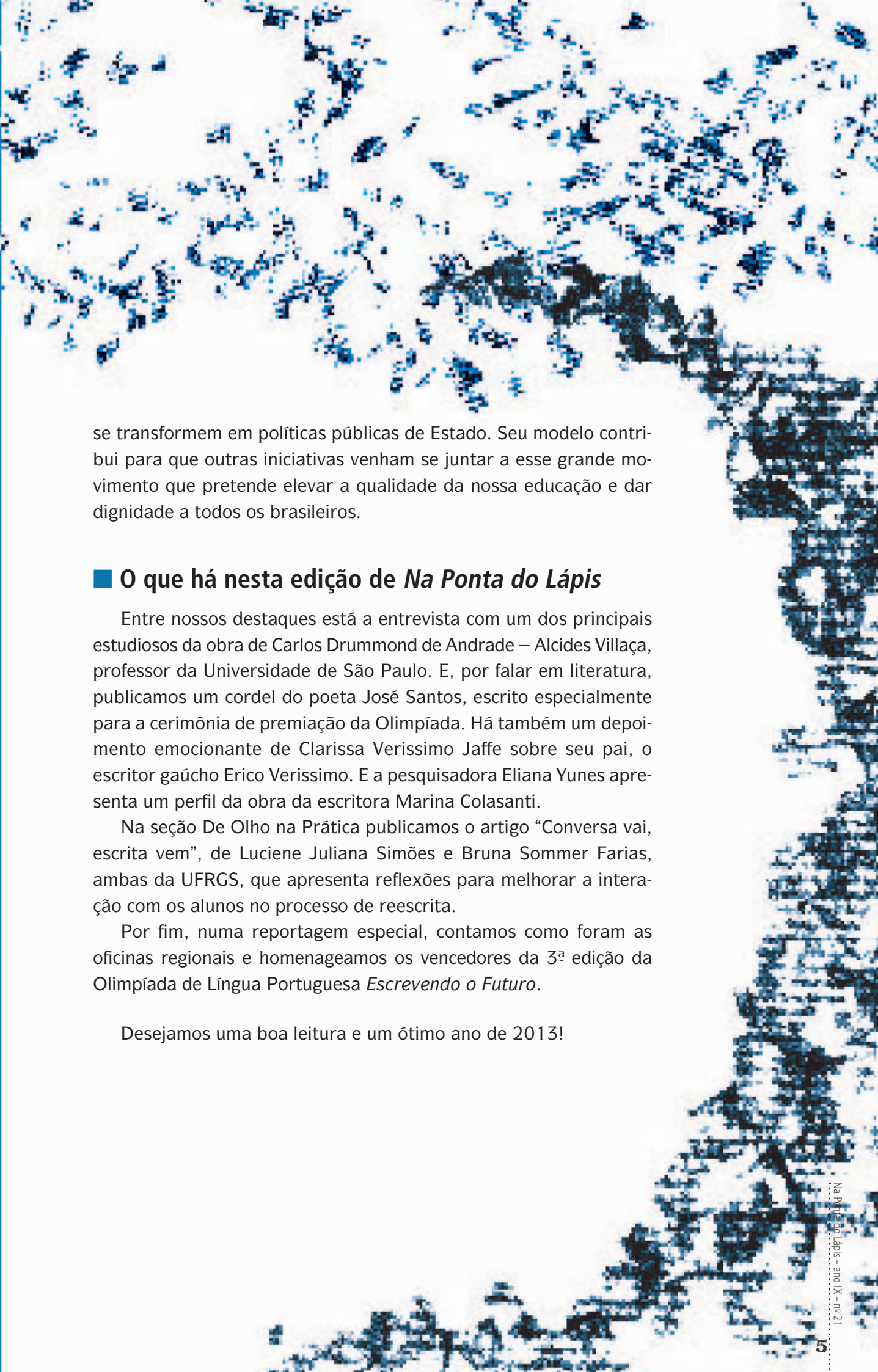
A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, que nasceu do Prêmio *Escrevendo o Futuro*, instituído pela Fundação Itaú Social em 2002, envolveu nestes dez anos, em todo o país, milhões de estudantes e professores. Aberto à participação de todas as escolas públicas, o projeto alcançou inúmeras comunidades, contribuindo para a formação de educadores e estimulando novas práticas pedagógicas.

Um dos momentos mais importantes dessa trajetória foi a entrada do Ministério da Educação, em 2008, como parceiro institucional. Essa parceria permitiu que a Olimpíada se tornasse uma política pública e atingisse capilaridade inédita em programas dessa natureza, chegando a 90% dos municípios brasileiros.

Nesse tempo, a Olimpíada já foi tema de dezenas de teses acadêmicas. Pesquisadores analisaram a sua presença em várias partes do Brasil, apontando a incorporação da metodologia e das propostas ao trabalho de professores, que resultou na melhoria da produção escrita de alunos das escolas públicas.

Também fazem parte do projeto o monitoramento e a avaliação de nossas ações. Isso demanda pesquisas internas e convites para que especialistas vinculados a outras instituições possam colaborar com análise, revisão e orientações para o aprimoramento dos materiais.

Ousamos afirmar que a Olimpíada é uma prova viva e exemplar da necessidade de se manter programas que atravessem governos e



se transformem em políticas públicas de Estado. Seu modelo contribuiu para que outras iniciativas venham se juntar a esse grande movimento que pretende elevar a qualidade da nossa educação e dar dignidade a todos os brasileiros.

## ■ O que há nesta edição de *Na Ponta do Lápis*

Entre nossos destaques está a entrevista com um dos principais estudiosos da obra de Carlos Drummond de Andrade – Alcides Villaça, professor da Universidade de São Paulo. E, por falar em literatura, publicamos um cordel do poeta José Santos, escrito especialmente para a cerimônia de premiação da Olimpíada. Há também um depoimento emocionante de Clarissa Verissimo Jaffe sobre seu pai, o escritor gaúcho Erico Verissimo. E a pesquisadora Eliana Yunes apresenta um perfil da obra da escritora Marina Colasanti.

Na seção De Olho na Prática publicamos o artigo “Conversa vai, escrita vem”, de Luciene Juliana Simões e Bruna Sommer Farias, ambas da UFRGS, que apresenta reflexões para melhorar a interação com os alunos no processo de reescrita.

Por fim, numa reportagem especial, contamos como foram as oficinas regionais e homenageamos os vencedores da 3ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Desejamos uma boa leitura e um ótimo ano de 2013!

# Alcides Villaça

## Dedos de prosa poética

**Alcides Villaça** é um dos grandes conhecedores da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Escreveu *Passos de Drummond* (2006), estudo crítico sobre a obra do autor mineiro, resultado de reflexões e anotações para os cursos, sobre o poeta, que ministra desde os anos 1970. O afável professor de óculos grossos, também poeta (autor de *O tempo e outros remorsos*, 1975 e *Viagem de trem*, 1988), nos recebeu em sua pequena sala, na Universidade de São Paulo, onde é titular de literatura brasileira. Três entrevistadores e uma fotógrafa se apertaram em meio a livros nas estantes, mesa, cadeiras, computador e uma confortável poltrona de leitura. Para a nossa alegria, a entrevista virou conversa e foi se prolongando entre lembranças familiares e pessoais do tempo em que lecionava em escolas públicas, passando pelo gênero poema, por Manuel Bandeira, Machado de Assis e por ideias e experiências que atraíam estudantes para a literatura. Por fim, os olhos miúdos brilharam ao falar de seu autor predileto: “Depois que você conhece o Drummond, ele não sai mais da sua vida. Ele fica sendo a referência do mundo. Você não consegue mais imaginar o mundo sem os versos dele”. Conheça os motivos nesta entrevista.

Luiz Henrique Gurgel, Cida Laginestra e Jéssica Nozaki

### ■ Para iniciar a conversa, fale de sua história de leitor. Como foi sua entrada no mundo da leitura?

Eu era menino e analfabeto, olhava a minha mãe pegando as latas de mantimentos.

Eram todas iguais. Ela abria a lata certa para tirar o arroz, o feijão, a farinha, e eu imaginava: “Se as latas são iguais,

como é que ela sabe?”. Descobri as tais das letras que ela pintava nas latas. Eu comecei a associar a ideia de que as letras diferentes se referiam a coisas diferentes. Comecei a copiar as letras. Foi assim que me alfabetizei, juntando arroz com a palavra “arroz”, feijão com a palavra “feijão”. Alfabetizado, comecei a ler Monteiro Lobato. Quando fiz 8 anos, meu pai me deu uma coleção completa, dezessete volumes, capinha verde. Li todos, várias vezes. Morei naquele sítio durante anos. Uma relação fortíssima que eu tive com a verdade da ficção. A ficção, você vive como se fosse um elemento do seu cotidiano. Não há diferença entre a verdade da ficção e aquela que você vive na prática porque você está inteiro em ambas.

O meu pai – embora tivesse só até o quarto ano primário – era um grande leitor. Autodidata, gostava muito de ler e começou a comprar muitos livros. Ele gostava, na verdade, de ler histórias realistas: Jorge Amado, Erico Verissimo, José Lins do Rego, autores que sabem escrever e contar bem as histórias. Ele comprou Machado de Assis; achou detestável e, para sorte minha, me deu a coleção. Na adolescência, li, também com enorme prazer, livros de um escritor alemão chamado Karl May. Os mais famosos compunham a trilogia de *Winnetou*, nome de um índio. Eu fiquei encantado com as histórias dele, muito fantasiosas, e com as



Marcia Minillo

viagens pelo Oeste americano, para o Oriente, para a antiga Pérsia.

Criança tem muita disposição para levar a imaginação em frente. Depois, essa imaginação começa a ser disciplinada, orientada. Talvez seja fatal. O homem perde a graça depois da adolescência. A escola também ajuda. A criança desaprende a desenhar na escola. Se eu comparar o desenho de um menino de 4 anos com o desenho de um menino de 8, provavelmente o do de 8 vai ser mais esquemático que o do de 4 anos.

### ■ Os professores marcaram sua formação literária?

Eu tive uma boa professora de português. Ela lia bem, em voz alta. Isso foi fundamental para eu valorizar a leitura como interpretação. Ela lia bem poemas, sobretudo. Muitos do Mário de Sâ-Carneiro, do Fernando Pessoa, do José Régio. Ela trazia poetas que não conhecíamos. Mas a pessoa mais marcante foi a professora de filosofia, que me tirou da cabeça que o Drummond era um poeta apenas sofisticado e intelectualizado. Esse era um preconceito meu. Eu gostava muito do Manuel Bandeira e achava o Drummond

meio artificial. Um dia eu falei para ela isso e ela ficou irritada: “Imagina, você acha o Drummond artificial? Ele é maravilhoso!”. Pegou um livro dele, *A lição de coisas*, e me leu um poema chamado “Amar-amaro”. Assim se deu a minha conversão para o Drummond. Não que eu tenha entendido o poema exatamente, porque é um poema difícil de entender numa primeira vez. Mas eu fui atrás do grande poeta e não parei mais. Drummond me pegou para sempre. A professora Margot Proença foi uma influência direta na minha escolha profissional.

### ■ Antes de se dedicar à carreira universitária, você foi professor em escola pública. Como foi a experiência?

Comecei a fazer letras em 1968, o ano terrível da nossa expulsão da Maria Antônia [rua no Centro de São Paulo onde ficava a Faculdade de Filosofia da USP e palco de violentos conflitos no período da ditadura militar]. Eu entrei no ano do fogo: o curso estava sob ameaça, o prédio foi tomado – não só o curso, o Brasil. Naquela época, o ensino público estava se expandindo, e apareceram aulas de português na Vila Sônia

**É só levar o texto a sério. Confiar no texto, na sua beleza, na sua verdade. Você não pode atrapalhar isso. Essa sensibilidade o professor de literatura tem que ter, para não tirar o aluno do foco.**

[bairro da Zona Oeste de São Paulo]. Estavam criando extensões, multiplicaram os períodos, muita aula e mais de cinquenta alunos por sala. Não tinha lugar para pôr a mesa do professor. Eu estava com 21 anos, sem experiência... Na minha primeira aula, eu quase não entrei na sala. Depois, gostei tanto que fiquei nove anos no Estado.

Lembro-me dos alunos, em silêncio, me ouvindo dizer o poema “A Serra do Rola-Moça”, do Mário de Andrade. A professora de ciências me disse que os alunos gostaram da aula. “Passei no teste, a minha aula funciona.” Isso me deu prazer. Nas aulas, lia muitos textos literários. As aulas de literatura eram aquelas de que eles mais gostavam. Ler poemas, romances, crônicas e contos era fantástico. Nenhum professor sabe que vai ser professor. Ele tem que primeiro dar uma aula; enquanto não der uma aula, ele não sabe.

No último ano eu estava muito desencantado com o curso de letras. Bons professores indo embora, polícia no *campus*, agentes infiltrados, repressão. Foi quando o professor Alfredo Bosi começou a dar aula de literatura brasileira. Logo na primeira aula, o impacto. Decidi ficar. Esse homem traz aquilo que eu estava buscando, que é uma visão da literatura abrangente, ligada ao mundo, ligada à ética e às outras áreas. Fiz o mestrado e o doutorado com ele e fui contratado para dar aula. Depois fiz concurso para me efetivar.

### ■ Existe algum segredo para fisgar o aluno para a literatura?

É só levar o texto a sério. Confiar no texto, na sua beleza, na sua verdade. Você não pode atrapalhar isso. Essa sensibilidade o professor de literatura tem que ter, para não tirar o aluno do foco. Ele não pode ficar na frente do texto; tem que ficar atrás, mostrando onde é que estão as coisas. Até hoje eu falo para a

Fotos: Marcia Minillo



minha turma: “O texto é bom porque ele não deixa a gente mentir”. Se eu falar uma besteira diante dele, sempre haverá alguém para dizer: “Não, o texto não está dizendo isso que o senhor está falando, o texto diz outra coisa”. O texto é a nossa prova dos nove. É o ponto de partida. Não dou aula geral sobre informações ou historiografia pura ou conceitos. Eu privilegio inteiramente o texto.

### ■ E como foi sua passagem para a teoria literária?

A passagem é problemática. Fazer crítica literária é difícil. Quando você estuda o Machado, é fácil dizer que ele é um grande autor. Você vai encontrar razões em toda parte para dizer isso. Agora, quando você pega um estreante para dizer se ele é bom ou mau, você não pode ter um critério muito engessado, senão você não vai avaliar nada.

### ■ O que fascina em Machado?

Sobretudo a inteligência. Agora, estou analisando o ponto de sensibilidade, a coerência, a lucidez, a maturidade de Machado. Ele tinha uma visão de mundo orgânica, baseada no princípio da reutilização dos valores, não acreditava no absoluto. Ele nos



**Nenhum professor sabe que vai ser professor. Ele tem que primeiro dar uma aula; enquanto não der uma aula, ele não sabe.**



ensina a ver as coisas criticamente, sempre do ponto de vista da relativização dos valores. Machado não estava preocupado em abstrair nada, fazer teoria, elaborar. Ele olhava as pessoas, localizando as razões verdadeiras dos atos. É cruel. Ele não poupa a verdade, a confissão dos princípios egoísticos, dos interesses profundos de cada um. Cada geração vai fazer uma nova leitura do Machado, o escritor que tem mais fortuna crítica no Brasil, em quantidade e qualidade.

#### ■ E na poesia, o que é essencial?

Primeiro, é você acreditar nas palavras, acreditar que as palavras possam ser portadoras de sentido absoluto, de sentidos vitais. A palavra pode ser o caminho. Não se pode falar de poesia se você não entende o papel da figura e o que é exatamente uma simbolização. A crença na palavra como um símbolo. No fundo, o poeta é um nomeador das coisas: ele quer encontrar a palavra para as coisas – e não são as mesmas coisas extraordinárias, são coisas que todo mundo sente, só que para elas, às vezes, faltam as palavras.

Manuel Bandeira parece milagre! Ele me pegou. Ao ler “Porquinho-da-índia” eu pensava: “É exatamente isso que eu deveria ter

dito. É assim que eu sinto. Por que é que eu deixei ele falar na minha frente?”. Parece tão fácil... Vá fazer! Li com empenho “Porquinho-da-índia” numa sala de meninos de 11 e 12 anos. Achei que os alunos iam ficar encantados com o poema infantil. Nenhuma reação. “Vocês não gostaram?” Sabe o que um deles falou? “Poesia assim eu também faço!”. Fiquei decepcionado, mas não falei nada. Fui para casa intrigado, pensando... “Esse menino acabou de fazer o maior elogio que o Bandeira poderia

ter ouvido.” Bandeira queria fazer um poema de criança. Ele entrou no universo infantil de tal modo que o menino falou: “Eu também sei fazer isso”. Só que o Bandeira era um adulto quando ele fez o poema. Então, a magia do Bandeira foi se transformar num menino na hora de falar da sua paixão de menino pelo porquinho. Isso é bonito.

Para os adultos a poesia tem que promover um estranhamento, é a identificação pelo diferente, a assunção do espanto como uma revelação que deveria já estar em você. Tem muita poesia no espanto. É isso que a literatura faz.

#### ■ Em geral, para as crianças, poema é sinônimo de rima.

A poesia nasceu rimada. A rima ajuda a decorar. O ritmo e a rima são elementos mnemônicos – recursos que facilitam a memorização – fortíssimos. Hoje, não temos preconceito contra os poetas modernos. No tempo do Grupo Escolar, eu parava no final do século XIX, no máximo até Olavo Bilac, do século XX. Poesia era sinônimo de discurso edificante. “Criança! não verás nenhum país como este: Imita na grandeza a terra em que nasceste!” Todos laudatórios,

**Para os adultos a poesia tem que promover um estranhamento, é a identificação pelo diferente, a assunção do espanto como uma revelação que deveria já estar em você. Tem muita poesia no espanto. É isso que a literatura faz.**

comemorativos: Tiradentes, a pátria, a bandeira, a mãe. Não se tinha o prazer de brincar com as palavras.

### ■ E quando começou o seu envolvimento com a poesia?

Na adolescência. Eu escrevia muito, sem critério nenhum, tudo o que vinha à cabeça. Juntava toneladas de versos, baboseira completa. Depois eu fui refinando, dei uma melhorada. Mas eu nunca tinha feito poemas para crianças. O livro *O invisível*, na verdade, nasceu de uma vivência. Eu me lembrei de como eu tinha interesse em ser invisível, quando criança. Eu não queria ser nem forte nem rápido; eu queria ser invisível, sabe? Ter o poder de bisbilhotar, ver o que as pessoas estão fazendo às escondidas. Era o meu maior interesse. Escrevi outros livros. *Arco-íris* é um deles. Lá tem um poeminha em que eu brinco com a palavra: “Estela, estrela, constelação...”, um prazer lúdico meu de brincar um pouco com as palavras.

O ritmo, a expressividade, a cadência com que você diz as palavras. A sonoridade da poesia é fundamental.

### ■ Você falou da mudança do seu olhar sobre o Drummond. Como foi especializar-se nele na universidade, posteriormente?

Nunca mais parei de ler Drummond. Foi uma revelação. No momento em que eu tive de dar aula sobre ele, precisei começar a fazer o que o crítico tem de fazer: justificar o seu gosto. “Qual é a unicidade dele? De onde vêm as imagens? Qual é o universo dele?”. Busquei as respostas na análise dos poemas. O texto tem que falar. Da análise de vários textos dele fui compondo um caminho de leitura. Convivo com Drummond desde sempre. Depois que você conhece o

Drummond, ele não sai mais da sua vida. Ele fica sendo a referência do mundo. Você não consegue mais imaginar o mundo sem os versos dele. É “o” poeta para mim.

Também gosto demais do Bandeira, frequente seus poemas, mas a companhia intelectual é a do Drummond. Ele leva a sério os dramas fundamentais. As perguntas que ele faz, sem respostas, e os desejos que ele tem, sem atendimento, são os nossos. Por isso ele está perto de dramas humanos que não estão resolvidos e que, aliás, não foram feitos para serem resolvidos, segundo ele. “Procurar o quê?” é um dos poemas dele de que eu mais gosto. Está no *Boitempo III*. É uma definição simples, na verdade, que imita a linguagem infantil. Ele lembra que quando era menino vivia procurando coisas que não sabia o que era, nas gavetas, nos ninhos, nas gretas dos muros. As pessoas diziam: “O que é que você está procurando?”. Ele falava: “Eu não sei; se eu soubesse, eu não procurava”. Eu não sei o que eu estou procurando. Então, havia no menino já uma ansiedade de buscar alguma coisa que não tinha nome. Aí, como ele escreve isso velho, você percebe que ele está fazendo uma ponte entre o que ele procurava na infância e o que ele continua procurando. Termina dizendo algo como: “Se um dia eu achar, eu não posso contar para ninguém, porque eu tanto procurei que eu fiquei com o direito, o merecimento de achar, o direito de esconder”. Isso é enigma até o fim.

Tem poemas do Drummond que, quando eu releio, falo: “Isso já foi atualizado historicamente por novos fatos”. Por exemplo, “A máquina do mundo” é um poema dos anos 1950, mas parece que está antecipando a sedução da globalização, dos artifícios de todas as mídias sobre as pessoas. “A máquina do mundo” para ele é isso. É uma sedução que vem de fora à qual ele resiste. O poder de



Marcia Minillo

ironia, a relutância em ceder ao outro o espaço. Ele refuta todas as totalizações que ficam armadas à nossa espera, a máquina do mundo. Hoje, o mundo dos jovens é inteiramente mediado pela tecnologia. É o celular, a tela do *videogame*, a televisão, o computador. Se você não tem uma coisinha qualquer para ouvir ou para ver, é como se você não existisse.

■ **Pensando nos jovens, como as redes sociais se relacionam – ou concorrem – com a leitura, a literatura?**

Tem uma coisa chamada curiosidade que está ligada à narrativa, à história contada. Por exemplo, quando minha mulher contava uma história, meus filhos pequenos largavam o que estivessem fazendo para ouvir. Podia ser televisão, *videogame*, não competia com a história. Isso é atávico. A narrativa chama. Na sala de aula, quando leio os contos do Machado de Assis, todos se interessam, mesmo os que não o conhecem. A narrativa dele prende. O papel do professor é ler bem, em voz alta, com calma, ir levantando as questões que o texto vai trazendo. Não interromper esse canal com a literatura.

## twitter oral

Uma pergunta ou um mote para Alcides Villaça responder em poucas palavras.

“Ah, eu não sei se consigo isso.”

**Prosa ou poesia?**

Poesia.

**Crítico literário, professor de literatura ou poeta?**

Poeta.

**O sujeito deve viver para narrar ou narrar para se conhecer?**

Viver para narrar.

**Um poema amorosamente cultivado**

“Tarde de maio”, de Drummond.

**O que é eterno na literatura brasileira?**

A língua. Drummond, Machado de Assis e Guimarães Rosa.

**Drummond ou Machado ou Guimarães?**

Definitivamente, eu não escolho.

**E o contemporâneo?**

Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Zulmira Ribeiro Tavares, Mauro Ramos.

**A viagem de trem preferida...**

A viagem que eu fazia quando era menino, de casa à Casa Branca.

# MISSÃO CUMPRIDA!

A 3ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* apresentou o retrato de um Brasil diverso, por meio das palavras, sotaques e textos de seus mais jovens filhos das escolas públicas e falantes das várias “línguas portuguesas”.

Texto Luiz Henrique Gurgel

Fotos Marcia Minillo

“Quem tiver se apaixonado por um texto pode defendê-lo com ardor.” A recomendação de Antonio Jacinto Matias, vice-presidente da Fundação Itaú Social, revela o clima da comissão julgadora que escolheu os textos vencedores da 3ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, encerrada em dezembro de 2012. No dia 6 daquele mês, quatro dias antes da festa de premiação em Brasília, o júri presidido por Maria Alice Setubal, presidente do Conselho de Administração do Cenpec, se reuniu para selecionar, entre os 152 finalistas, os 20 melhores textos nas categorias Poema, Crônica, Memórias literárias e Artigo de opinião. Durante toda uma tarde os avaliadores leram as produções, discutindo os critérios de avaliação, comentando trechos e ressaltando as partes mais saborosas, engraçadas ou tocantes, conforme a opinião de cada um.

Além de Maria Alice e Matias, faziam parte do júri Carlos Alberto Faraco, linguista e professor da Universidade Federal do Paraná; Cleuza Repulho, presidente da Undime; Eliane Brum, jornalista; Ivan Ângelo, escritor; Lúcia Araújo, gerente-geral do Canal Futura; Maria Suely Pires, representante do Consed; e Maurício Prado, representante do Ministério da Educação.

Entusiasmados, destacaram aspectos importantes do trabalho. “Os textos de memó-

rias literárias trazem a história recente do Brasil contada por pessoas que vivenciaram aqueles momentos”, afirmou Carlos Faraco. Eliane Brum chamou o projeto de “extraordinário” pelo fato de repercutir nas comunidades e por se tratar de uma política pública. “Raras vezes a gente tem a oportunidade de ler o Brasil, de ouvir tantas vozes e tão diferentes”, declarou.

Para quem trabalha no projeto desde a época em que era o Programa *Escrevendo o Futuro* a evolução é evidente. “Olhando em perspectiva, historicamente, percebemos uma contínua melhoria dos textos a cada edição”, diz Sônia Madi, coordenadora da Olimpíada. A mesma impressão é compartilhada por Maria Alice Setubal, que participou das comissões julgadoras de todas as edições: “É sempre bom ver um trabalho de qualidade acontecendo na educação pública”.

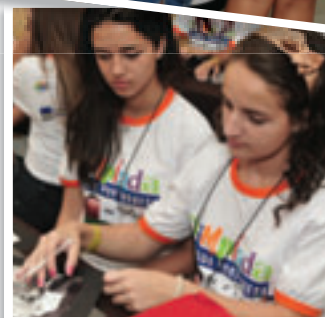
## ■ As oficinas

Mas, para chegar aos 152 finalistas, muita coisa aconteceu em novembro, época das oficinas da etapa regional, que ocorreram em quatro capitais, com representantes de todos os Estados brasileiros. Para cada gênero, foram realizados encontros de formação com atividades especiais, passeios pela cidade, escolha de livros e entrega das medalhas de bronze aos semifinalistas.



1. Beatriz Aparecida Melo Garcia – Professora: Maria Inês Resende – Santa Bárbara do Tugúrio (MG)
2. Jhonatan Oliveira Kempim – Professor: Alan Francisco Gonçalves Souza – Espigão d’Oeste (RO)
3. Ana Lina Souza de Oliveira – Professora: Lilian Torres Chaves – Macapá (AP)
4. Bruno Marques da Silva – Professora: Elizete Vilela de Faria Silva – Divinópolis (MG)
5. Elias dos Santos Marinho – Professor: Luciano Acciole Gomes – Japaratuba (SE)
6. Nathalya Cristina Trevisanatto – Professora: Vanicléia de Oliveira Sousa Rebelo – Tamboara (PR)
7. João Pedro Artifon Canton – Professora: Salet Inês Lecardelli – Ipumirim (SC)
8. Taiana Cardoso Novais – Professor: Ladmires Luiz Gomes de Carvalho – Natal (RN)
9. Ana Leticia Oliveira Dutra – Professora: Maria Gisélia Bezerra Gomes – Alto Santo (CE)
10. Roberta Oliveira Morim – Professora: Rosângela Aparecida Morim – Douradoquara (MG)
11. Paulo Renan de Souza Figueiredo – Professora: Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio – Rio Branco (AC)
12. Mara Domingos da Silva – Professora: Lucilene Aparecida Spielmann Schnorr – São Pedro do Iguaçú (PR)
13. Pedro Henrique Siqueira de Sousa – Professora: Núbia Silvana Lima Machado Franchini – Novo Progresso (PA)
14. Ulisses Gallo de Lima – Professora: Carla Amábili Gallo Gimenez Lima – Astorga (PR)
15. Henrique Douglas de Oliveira – Professora: Simone Bispo de Moura Costa – José da Penha (RN)
16. Lamaira Condock Gonçalves – Professora: Argelia Peixoto – Espera Feliz (MG)
17. Patrícia Vieira de Queiroga – Professora: Sandra Regina de Oliveira Lúcio – Pombal (PB)
18. Carloci d’Avila Menezes – Professor: Luiz Carlos Leiva Saldanha – Santa Margarida do Sul (RS)
19. Isabela Kethyes Bezerra Bessa – Professora: Maria Gisélia Bezerra Gomes – Alto Santo (CE)
20. Lívia da Silva dos Santos – Professora: Tatiana Simões E. Luna – Recife (PE)

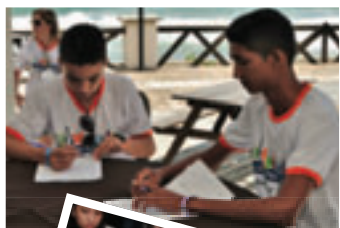




## ■ Escrever com imagens

Entre 5 e 7 de novembro, Natal (RN) recebeu os 125 estudantes da categoria Crônica. Eles tiveram um encontro com o fotógrafo Paulo Riskala. A ideia foi estabelecer relações entre a atividade do fotógrafo e a do cronista. “Uma foto tem sempre uma história”, lembrou Paulo. “Tal como a crônica, em que se particulariza um momento, a fotografia também tem essa capacidade: permite escrever com a luz.” Além de mostrar e comentar algumas de suas fotos, Riskala levou imagens de outros mestres do fotojornalismo, deu dicas de composição, uso de máquinas, aproveitamento da luz. No dia seguinte, os estudantes receberam máquinas fotográficas e no passeio pela cidade puderam captar imagens, que foram ampliadas e expostas em painéis; a partir delas, escreveram uma nova crônica.

Amanda Ferreira de Aquino, 15 anos, estudante de Brasília, aluna da professora Maria Catharina de Mello, gostou da conversa com o fotógrafo. “Foi muito interessante. Eu não imaginava que iam chamar um fotógrafo para esse trabalho. De fato, tem muito a ver com o que faz um cronista. Enquanto o fotógrafo escolhe um foco e faz a imagem, o cronista também escolhe uma situação que aparece para ele e escreve um texto”, comentou Amanda.



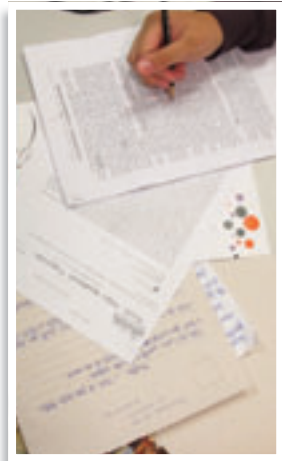


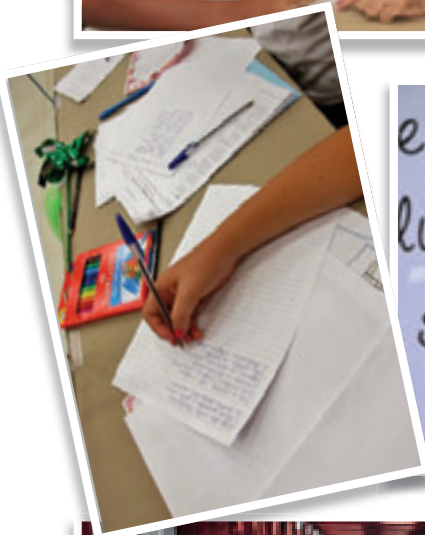
## ■ Encontro com o maestro

Os estudantes da categoria Memórias literárias, reunidos em São Paulo (SP), entre os dias 12 e 14 de novembro, tiveram uma grande surpresa: entrevistaram o maestro e pianista João Carlos Martins, um dos mais famosos intérpretes do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750). Acomodados num auditório, ouviram Martins, 72 anos, falar de sua carreira e de passagens de sua vida desde a infância. No palco, ao lado do maestro, doze estudantes, representando os colegas de todas as regiões do país, fizeram as perguntas elaboradas por suas turmas. Ainda houve tempo para que os estudantes que ficaram na plateia pudessem levantar novas questões. No dia seguinte, Martins fez questão de participar da festa de premiação e ouvir trechos dos textos que tratavam de suas memórias, escritos e lidos pelos próprios alunos.



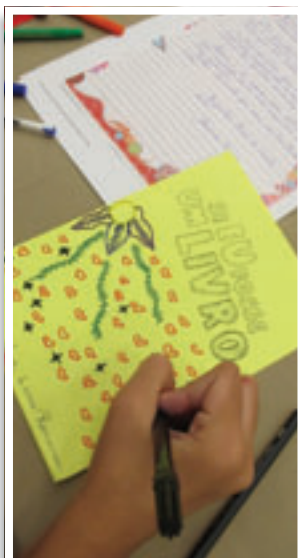
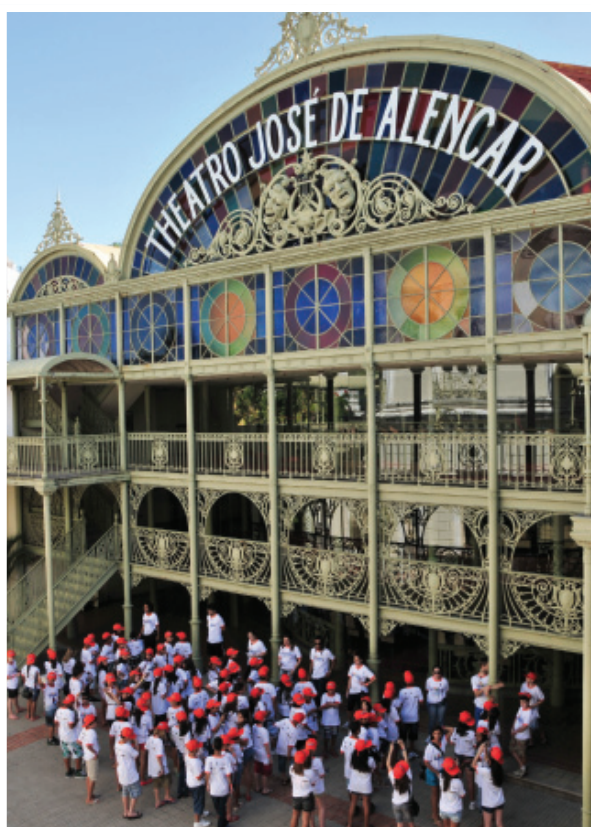






## ■ O sentimento da palavra

Mal terminou a oficina de São Paulo e a equipe da Olimpíada se deslocou para Fortaleza (CE), onde, entre os dias 20 e 22 de novembro, realizou-se a oficina dos semifinalistas da categoria Poema. Os mais jovens participantes da Olimpíada, do 5º e 6º anos do Ensino Fundamental, puderam soltar a voz num momento emocionante: um a um, dirigiram-se ao pequeno estúdio, com microfone e equipamentos de edição, montado numa das salas do hotel, e gravaram em CD um trecho do poema que escreveram. O músico paulista Luiz Ribeiro, responsável pela produção, também compôs e gravou antecipadamente trilhas sonoras especiais que acompanharam as vozes dos pequenos poetas no momento da gravação.



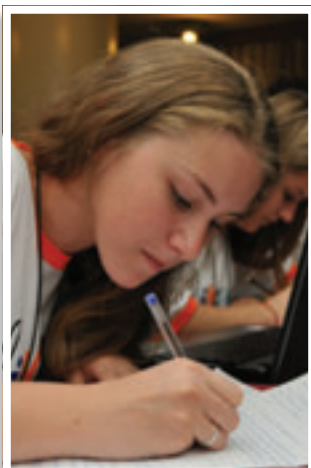


Cada estudante e cada professor ganharam de presente uma cópia do CD.

Muitos estudantes contaram sobre o processo de criação de seus textos. Alexandre Machado Teixeira, de Fortaleza (CE), aluno do professor Sivaldo Miguel Ferreira Abdon, explicou: “O sentimento da palavra formou a rima, que formou o poema”. Já o paranaense da cidade de Rio Negro, Gustavo Ruthes Prohmann, aluno de Carla Borba, se inspirou no estilo de Manuel Bandeira, no famoso poema “Trem de ferro”, para escrever “Um rio, uma linha e um menino”.

Em um passeio pela cidade, professores e alunos tiveram oportunidade de conhecer o Teatro José de Alencar, visitar o Complexo Cultural Dragão do Mar e molhar os pés na praia de Iracema.







## ■ Oportunidade de ter voz

A derradeira oficina ocorreu em Belo Horizonte (MG), na última semana de novembro. Os jovens estudantes do Ensino Médio, participantes da categoria Artigo de opinião e autores de textos a respeito de questões polêmicas de suas comunidades, também puderam soltar a voz e dizer o que pensam sobre um assunto totalmente relacionado a eles: “Os jovens de hoje são apáticos para participar de ações sociais?”. Uma arena montada em uma das salas do hotel foi palco das discussões. Dois mediadores conduziram o debate, que durou pouco mais de uma hora, entre defensores e críticos dessa tese sobre jovens. O debate foi registrado em vídeo e disponibilizado na Comunidade Virtual ([www.escrevendo.cenpec.org.br](http://www.escrevendo.cenpec.org.br)). Ana Luiza Garcia, linguista, professora da PUC-SP e consultora do debate, fez algumas “provocações” aos jovens: “Falar que concorda ou não é fácil. Justificar a sua posição é que é importante para expressar o que pensa”, declarou. Garcia também lembrou que “a participação social é um processo por meio do qual pessoas comuns se organizam e realizam ações, com o objetivo de influenciar os espaços e as organizações da comunidade, contribuindo para o bem de todos”.

A experiência do encontro com jovens da mesma idade e com inquietações semelhantes estimulou Wesley Souza Chaves, estudante de São João do Jaguaribe (CE), a cursar Direito: “Vi na Olimpíada a oportunidade de ter voz”.

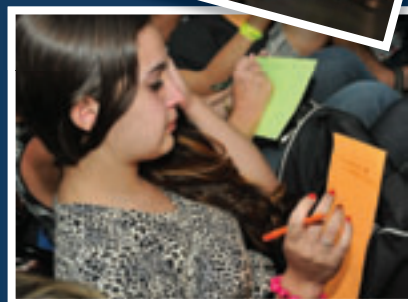






## ■ Minha vida é andar por este país

Uma famosa composição de Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, *Vida de viajante*, foi a trilha sonora mais tocada nos encontros das últimas etapas da Olimpíada, até mesmo na festa final em Brasília, onde quase mil pessoas, entre estudantes, professores, diretores das escolas e familiares dos finalistas, lotaram o local da premiação. Além de reverenciar Gonzagão no ano do centenário de seu nascimento, a música ilustrou a diversidade das origens e dos sotaques apresentados nas falas e também nos textos escritos. Em artigo para o *site* da revista *Época*, a jornalista Eliane Brum afirmou que os melhores textos que leu “eram aqueles que carregaram para a escrita a variação linguística do Brasil, com palavras e ritmos nascidos de uma experiência diversa de ser brasileiro”. Por isso foi possível viajar pelo país sem sair de Brasília naquele dia 10 de dezembro. A Olimpíada cumpria, assim, uma de suas mais belas missões.



# CAMINHOS CRUZADOS<sup>1</sup>

---

Clarissa Verissimo Jaffe

“Quando me pediram para escrever um depoimento sobre o meu pai, eu logo me lembrei de procurar ajuda nas palavras dele, nas cartas que me escreveu entre 1956, ano em que casei e vim morar nos Estados Unidos, e 1973, ano em que meu marido e eu, com nossos três filhos, fomos morar em Porto Alegre por um período indefinido.

Como naquela época chamadas telefônicas não eram uma opção e *e-mail* não existia, nossa correspondência era volumosa. Acho que, como todo escritor, o pai expressava-se melhor e mais à vontade escrevendo.

Mesmo na correspondência, ele tinha um medo horrível de ser dramático e sempre recorria ao humor para evitar emoção demais. As cartas dele eram cheias de notícias da família e dos amigos. Contava o que se passava na casa, na cidade e no país, tentando me manter ligada, apesar da grande distância. Contava sobre o livro que estava escrevendo no momento e compartilhava comigo a sua frustração quando não estava conseguindo escrever.

---

1. In: Instituto Moreira Sales. *Cadernos de Literatura Brasileira*, nº 16, novembro de 2003, pp. 18-20.



Quando as coisas iam bem, as cartas eram grandes e noticiosas, quando não, eram ‘só um bilhete’, mas não deixava de escrever. Falava em saudades (de mim e, depois, dos netos), mas sem drama. Começava as cartas com: ‘Querida Clara’, ‘Claroca’, ‘Claruca’, ‘Clorina’, ‘Shirley Therezinha’, ou ‘Querida *hija*’, dependendo da sua disposição no momento. Enchia as cartas de desenhos, caricaturas dele mesmo, gatos, anjos etc.

Não tenho memórias da minha infância. Tenho vagas lembranças da nossa primeira viagem aos Estados Unidos, em 1943. Na viagem entre a Flórida e a Califórnia, lembro do pai descendo do trem para comprar umas bolachas para nós, pois, naquele momento, não tínhamos dinheiro para comer no vagão-restaurante. Na viagem de volta para o Brasil, num vapor pequeno e sem muitos confortos, que levou 23 dias para ir de Nova York ao Rio de Janeiro, o pai ia cuidando de nós três, pois era o único da família que não estava enjoando.

Durante a minha adolescência, sempre pronto a satisfazer as minhas vontades, dava grandes voltas de automóvel pelas ruas de Porto Alegre para passarmos em frente da casa do meu ‘amor’ do momento, nunca fazendo pouco das paixões dos meus 14 anos.

Claro que eu sabia que o pai não era bem como os outros pais.

Ele trabalhava em casa, estranhos na rua chamavam o nome dele, ônibus com turistas passavam por nossa residência, paravam e apontavam. Ele era um pai que, na volta da sua viagem aos Estados Unidos em 1941, me trouxe uma foto autografada da Sonja Henie, minha atriz preferida na época. Um pai que ensinou o Gary Cooper a dizer umas frases em espanhol. Um pai cujos livros viravam filmes e tínhamos estreias com astros e estrelas, luzes e fotógrafos; eu, aos 14 anos, ficava deslumbrada e orgulhosa.

Eu sabia que ele era escritor, mas o que escrevia eu não tinha bem certeza, pois só aos 18 anos, quando estávamos morando em Washington, D.C. foi que me deram licença para ler outros livros dele além de *Clarissa* e dos livros infantis. Foi com

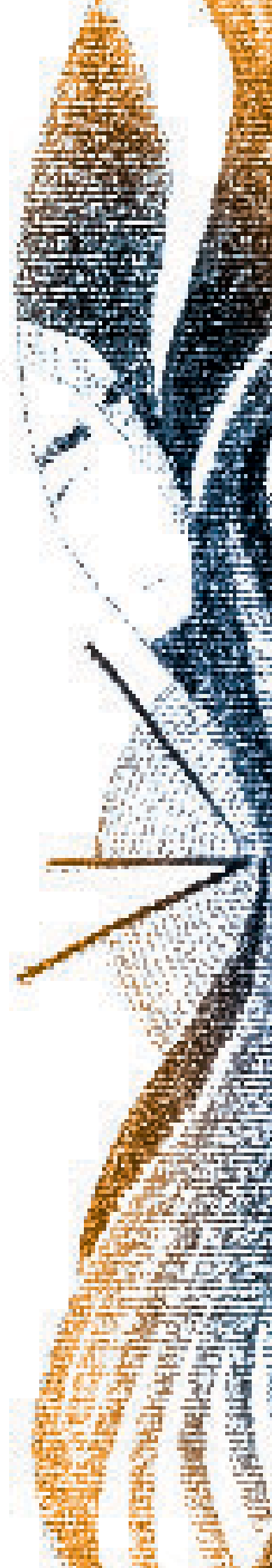
*Música ao longe* que comecei a ter uma nova visão dessa pessoa que era meu pai. Que grande surpresa ao me dar conta de que ele sabia ‘coisas da vida’ e que ‘entendia’ o que era desejo, amor etc. Gostaria de poder dizer que essa experiência mudou por completo minha atitude quanto ao ‘velho’; mas, afinal de contas, ele continuava a ser meu pai – e claro que pai nunca sabe tudo.

Quando, no fim da nossa estada em Washington, eu lhe dei a notícia de que estava namorando um rapaz americano e que estávamos pensando em casar, não houve grande drama, apesar de isso ter sido o seu maior medo quando ele aceitou o posto de diretor cultural da União Pan-Americana. Ele só me fez um pedido: casar em Porto Alegre. Mais tarde me contaria que não conseguiu dormir naquela noite.

O meu casamento, em 1956, foi uma mistura de alegrias e tristezas. O pai, sério e compenetrado como o pai da noiva. No aeroporto, na hora da nossa despedida, ele apelou para o humor a fim de disfarçar a emoção do momento e pediu que, logo que chegasse a Washington, eu queimasse a gravata do meu marido. Mas, ainda no Rio de Janeiro, durante a nossa lua de mel, recebi uma carta do pai em que ele diz: ‘Clarissa querida, vamos bem, aguentando bravamente a saudade, e a ideia de que estás feliz nos ajuda a não sentir *too much* tua ausência’. Termina: ‘E à hora do crepúsculo ergue teu pensamento para teus extremos progenitores’.

Dois anos depois do meu casamento e de minha vinda para os Estados Unidos, o pai e a mãe fizeram a primeira das que seriam várias viagens para nos visitar. O meu primogênito já tinha um ano e meio, e o Erico avô era como Erico Pai: carinhoso e paciente, pronto para brincar com o neto e, mais tarde, com todos os netos, fazendo mágica e representações, para o grande divertimento da criançada.

Lembro-me do pai como uma presença quieta e calma. Uma vez, um amigo meu em Washington me disse: ‘O teu pai parece saber o segredo do universo; eu gostaria de sentar aos pés dele e ouvir tudo que ele tem para dizer’. Eu pensei comigo mesma: ‘Espera sentado mesmo, pois ele fala muito pouco e geralmente não tem nada a ver com o segredo do universo’.





Recordo o pai regendo orquestras fantasmas enquanto ouvia Bach, Brahms ou Mozart com o volume a toda força. Ele podia, de repente, aparecer à mesa do almoço com um bigode pintado com um lápis de sobancelha. Ou com um lenço amarrado na cabeça cantando uma canção sobre uma ‘pobre velhinha que vinha da Sibéria’, que até hoje não sei se era uma música verdadeira ou inventada por ele.

Quando eu ou meu irmão fazíamos alguma coisa errada, o maior castigo era olhar para a cara do pai, que não ficava brabo, ficava triste. Seria melhor se ele ficasse brabo. Era um pouco distraído, principalmente quando estava escrevendo. Muito carinhoso e paciente, era um apaixonado pela família.

Herdei dele o amor pelas cores. Assim como ele ‘pintava’ os livros que escrevia, imaginando determinadas cenas em certos matizes, eu, na época em que estava trabalhando no teatro, dirigindo várias peças, empregava cores da mesma maneira. E hoje em dia, muitos anos depois, sinto o mesmo prazer em usá-las, agora com tintas na tela. Com o meu pai, aprendi a gostar de desenhar, a ouvir música clássica e a apreciar um belo pôr do sol.

Em 1973, ele ficou muito feliz com a nossa ida para Porto Alegre. Finalmente, toda a família estava ao redor dele: os dois filhos, a nora, o genro e os seis netos. Em 27 de novembro de 1975, resolvi festejar o *Thanksgiving* [Dia de Ação de Graças, principal festividade dos EUA] na minha casa em Porto Alegre, reunindo a família inteira para uma ceia típica desse feriado norte-americano, com peru e torta de abóbora. Tudo correu à perfeição. No dia seguinte, ele faleceu. Não acredito em pressentimentos, mas agradeço o que quer que tenha me levado a festejar o *Thanksgiving* naquele ano.”

---

Chamada Clarissa em homenagem ao romance de estreia de seu pai, a primeira filha de Erico Verissimo nasceu em Porto Alegre, no ano de 1935. Em 1943, seguiu com os pais e o irmão, Luis Fernando, para os Estados Unidos, atendendo ao convite recebido por Erico para lecionar literatura brasileira em Berkeley, na Califórnia. A família viveria nos EUA até 1945, voltando ao país em 1953, quando Erico Verissimo assumiu o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Durante essa segunda estada, em Washington, Clarissa Verissimo estudou arte dramática e trabalhou com teatro amador e profissional. Foi também durante esse período que conheceu o físico David Jaffe, que se tornaria seu marido em 1956. Nos dois anos seguintes ao seu casamento, trabalhou em peças como *Doctor's Dilemma*, de George Bernard Shaw, e *The Purification*, de Tennessee Williams. Em 1965, retomou a atividade cênica, interrompida pelo nascimento de seus três filhos, passando a dirigir grupos de teatro amador; gradativamente, porém, o teatro seria substituído pela pintura, a que hoje se dedica, tendo realizado mostras individuais em Porto Alegre e Washington.

# Cordel das cidades olímpicas

José Santos

Conhecemos nesses dias  
Uma bela multidão  
De poetas, de cronistas,  
com a caneta na mão,  
com o dedo no teclado,  
movidos com a paixão.

Movidos com a paixão  
a paixão pela escrita.  
Jeito de ver com palavras  
uma vida mais bonita,  
onde o valor de uma letra,  
vale mais que uma pepita.

Vale mais que uma pepita  
de ouro, ouro mais puro,  
uma simples palavrinha  
lida no livro ou no muro.  
Pois a língua é uma candeia  
E surge no meio do escuro.

E o que surge no escuro  
é um mapa do Brasil.  
Onde há jovens escritores,  
seja no calor, no frio,  
na praia e na montanha,  
na cachoeira, no rio.

Obrigado a vocês  
Que vêm lá de Picuí.  
Ariquemes, Catalão,  
Arraias, Aracati.  
Alta Floresta, Jarú,  
Castelo do Piauí.

Digo obrigado a quem vem  
Lá de Cruzeiro do Sul.  
Arapiraca, Urupês,  
São Pedro do Iguaçu.  
Da gaúcha Aratiba,  
Da mineira Campo Azul.

Da paranaense Astorga,  
Da potiguar Mossoró,  
Da amazonense Manaus,  
Difícil escolher que só!  
E alagoano outro nome,  
agora o de Maceió.

---

**José Santos**, poeta e escritor de livros para crianças e jovens, tem mais de catorze obras publicadas.

São Mateus é capixaba  
Concórdia, catarinense  
Padre Bernardo, goiano  
Juara, mato-grossense.  
Aparecida é paulista  
E Aurora, cearense.

É nome que não se acaba,  
Tão grande esse país é.  
Veio gente de Itatiba,  
e até de Itaeté.  
Recife e Salvador,  
Açu e Euripunê.

Alegre do Pindaré,  
Carazinho, Macapã,  
Brasília e Teresina,  
Boca do Acre, Tanguá,  
Uberaba, Janaúba,  
Rio Acima, Sabará.

Não deixo Japaratuba  
Pois o nome é bonito.  
Se não ponho Sertãozinho  
Fica o poema esquisito.  
Ainda mais se me esqueço  
De São José do Egito.

Eu preciso ir embora  
Sem a lista terminar  
Pois eu não tenho mais tempo  
De falar de Araxá  
Palmeira, Pombal, Pitanga  
Fortaleza, Iporã.

Joinvile, Santa Helena,  
São Paulo, Ibirubá,  
Quissamã, Douradoquara,  
e a Santa de Jetibá.  
Adeus, Rio de Janeiro,  
adeusinho, até já.

Me despeço dessa turma,  
Nos veremos mais adiante.  
Pois aqui só conheci  
Escritores atuantes.  
Com a ponta de um grafite  
Vocês já criam diamantes.

# Conversa vai, escrita vem

---

Luciene Juliano Simões  
Bruna Sommer Farias

---

**Luciene Juliano Simões**, professora de estágio de docência em língua portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro da rede de ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da UFRGS.

**Bruna Sommer Farias**, professora de língua portuguesa e língua inglesa, mestranda na área no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Autora dos bilhetes orientadores que figuram neste artigo – os bilhetes foram escritos quando Bruna fez seu estágio curricular de português nos anos finais do Ensino Fundamental, sob a supervisão de Luciene Juliano Simões.



Muitos têm dito que se aprende a escrever escrevendo. Contudo, essa é uma verdade que pode esconder muito do que se desenrola neste “escrevendo”, tão processual. Escrever está muito distante de ser um ato linear. Uma das notáveis características da prática da escrita é que ela se dá num vaivém, e um dos personagens principais da história da produção de um texto de qualidade é, sem dúvida, a conversa do autor com o próprio texto. Dessa interação autor-texto vão surgindo os cortes, as reformulações, os acréscimos. Lá pelo final da costura são decididos os arremates: uma última revisão, ou um último dedo de prosa do autor com seu texto, proporciona aquele capricho que entrevemos em todo bom resultado... Mas será que podemos, desde sempre, interagir com o nosso texto sem um terceiro? Ter um leitor solidário, além dele mesmo, pode ser uma vantagem enorme para um autor. E quando, em lugar de falar na prática de escrever, falamos em aprender a escrever, parece que essa conversa entre texto, autor e o terceiro precisa ficar mais audível e mais concreta, não é mesmo?

Vamos então reformular: aprende-se a escrever escrevendo e interagindo em torno dos vários textos de que será feito o texto final. O professor que está de olho em sua prática sempre pergunta a si mesmo: “Como posso potencializar minhas interações com minha turma?”. Afinal, ele sabe que nisso está a chave. Conversa vai, conversa vem, e temos a beleza da docência: a construção conjunta do conhecimento que será de todos e de cada um. Escrever é um desses conhecimentos: não é um dom, é algo que se pode ensinar e aprender numa boa conversa, que precisa se tornar constante no processo de escrita e reescrita na sala de aula.

Surge aí um desafio que todos nós, professores, enfrentamos cotidianamente. Ao receber os textos de nossos estudantes em sua primeira versão, logo reconhecemos como cada um deles parece nos assaltar com demandas heterogêneas. Um não encontrou seu questionamento central e está disperso, longo, com saltos de tópico em tópico; outro parece não se dar conta de que terá um leitor distante e escreve como se ele estivesse dentro de sua mente – tudo muito breve e cheio de lacunas. Na tentativa de escrever um poema, um parece não escutar as palavras e está preso ao sentido, enquanto o outro cobre seu poema de rimas, mas não parece dar ao texto uma unidade que o reverta em sentido poético.

Enfim, de texto em texto constrói-se o quebra-cabeça: como vou conversar com tantos de uma só vez, no espaço das poucas aulas que temos, e intervir de modo eficaz, ajudando os estudantes a aprimorar sua escrita? Nosso convite a vocês, então, é o seguinte: “Que tal mandar bilhetes, um para cada aluno, cochichando ao pé do ouvido sobre o futuro do seu texto?”

## ■ O bilhete orientador da reescrita: um gênero catalisador a serviço da aprendizagem

A ideia de estimular e orientar os alunos a reescrever seu texto por meio de bilhetes está ligada à certeza de que a fase de aprimoramento em uma atividade escolar de escrita é crucial. Ao intervir de modo diferenciado, dispensando a cada estudante a atenção que ele demanda, o professor pode mediar, ou “catalisar”, a aprendizagem da escrita de um gênero discursivo. Mandar bilhetes é uma prática pedagógica dinamizadora, a ser incorporada de modo constante na aula de português, porque proporciona ao par aluno-professor um momento de diálogo mais individualizado, além de tornar a língua escrita uma forma de interação entre professor e aluno, o que é mais um ganho, considerando-se a função que a escola tem para o letramento de seus estudantes.

Dito isso, como se caracterizam esses bilhetes? O que é importante haver neles para que realizem o trabalho de orientar e dinamizar, proporcionando foco e eficácia à atividade do aluno de refletir sobre seu texto para aprimorá-lo?

## ■ Um leitor interessado

O primeiro passo é colocar-se diante do texto do aluno como um leitor interessado. Ao ler o texto, o que aprendo com ele? De que modo me toca e aguça meu desejo de saber mais e melhor? Temos uma forte tendência a olhar o texto com olhos de avaliador, sem permitir que antes de tudo ele nos intrigue. Isso torna difícil aos alunos irem reafirmando, ao escrever, a natureza de diálogo inerente a todo o uso da linguagem. Então, aproveite o bilhete para dialogar com o texto e com o aluno-autor. Isso pode ficar manifesto no bilhete por meio de características dele que estão mais ligadas ao sentido do que à forma. Algumas das principais são as seguintes:

Elogiar ou destacar os pontos fortes do texto, pois são eles que nos tocam como leitores.

Partir dos pontos fortes para pedir mais, fazendo perguntas que favoreçam o entendimento do ponto de vista do autor ou mesmo que solicitem o detalhamento do texto, quando este pode ser mais informativo ou eloquente.

Mostrar que o texto do aluno nos lembra outros escritos e evoca uma tradição de boa escrita ligada ao gênero.



Veja exemplos disso em alguns bilhetes escritos por Bruna aos alunos dela quando estavam engajados em uma experiência de escrita de poemas para publicação em um *blog* da escola.

Júlia, teu poema está legal, mas podes falar mais sobre o tema da última estrofe. É fácil ser feliz? O que nos faz felizes? Dizer sim a quem? Aos amigos? À bondade? Dizer não à mentira? À falsidade? O que te faz feliz? Podes falar mais sobre isso ao final, ou descrever um pouco como é a sociedade, na primeira estrofe, as crianças, na segunda estrofe, e a natureza, na terceira. A sociedade vive em paz? Se ajuda? As crianças brincam, cantam, dão risada? E a natureza, é bela?

Alexander, teu poema está muito bonito. Mas, se quiseres, podes falar mais sobre o que mais há na natureza ou colocar adjetivos pra enriquecê-lo. Como são as flores? De que cores são? Têm perfumes agradáveis? E os pássaros, têm cantos que encantam? Estão alegres? O rio tem águas claras? Límpidas?

Sandro Miguel, o que queres dizer com "aprendi minha lição" no final do poema? Fala mais sobre isso que você aprendeu: que não pode ficar sem o Opala? Que ele é melhor que o Gol, ou que qualquer carro? O que você sente estando dentro do carro? Poderoso? Orgulhoso de ter um carro assim? Como ele é? Que cor tem? É lustroso? As pessoas notam quando você passa com ele na rua? Desenvolve mais essas ideias.

Maria Paula, o assunto que escolheste é bastante polêmico, mas muito importante para os jovens. Tu podes descrever o que sucede com quem entra nesse mundo, porque no poema tu citas o que acontece com quem não aceita a droga. A pessoa tem controle de si? Ela é feliz? Podes falar do sofrimento da família do viciado ou falar mais da alegria de quem vive sem drogas, no final do poema.

Valentina, muitos poetas escreveram sobre o ato de escrever poesia. Tu poderias contar como é difícil ter uma ideia e transformá-la em verso. Quem sabe poderias descrever sobre o que falam os poemas, seus diversos temas e formas. São grandes ou pequenos? Os versos sempre rimam? Falam de sentimentos, emoções, tristeza ou alegria? O que você acha?

Enfim, como aqui estamos falando de sentidos, a multiplicidade é a regra. Mas fica um primeiro princípio – antes de tudo, escrevemos textos para que sejam lidos, e o bilhete orientador pode ser um poderoso instrumento pedagógico para mediar a construção desse conhecimento pelos estudantes. Se o professor se manifesta como um leitor, ao reescrever, o aluno se constituirá em autor. Assim, a reescrita dele vai começar respondendo às dúvidas do leitor e reagir aos destaques que esse leitor dá a aspectos do texto. Só na continuidade do projeto é que começa o trabalho sobre as escolhas linguísticas e a forma.

### ■ Um mediador mais experiente

Um bilhete orientador que apenas faça o trabalho de concretizar a presença do leitor e que privilegie a interlocução entre o professor, leitor interessado, e o aluno, autor atento, entretanto, não garante que o aluno construa a eficácia em sua escrita. Para isso, é preciso conhecer o gênero, ter um repertório discursivo sólido que guie o autor por escolhas linguísticas pertinentes. Aqui entra a função de professor: se os alunos ainda não têm esse repertório, é nosso papel auxiliá-los em sua aprendizagem. O bilhete pode ser um bom espaço de diálogo para que o professor ofereça a cada aluno a tarefa mais importante para que ele se lance na descoberta linguística que mais vai qualificar o texto naquele momento.

Para conseguir cumprir essa função, é importante que o professor atue num espaço de planejamento que vai além do momento de escrever aquele bilhete. A eficácia do bilhete orientador depende muito de seu funcionamento como elo numa corrente de tarefas que unem os seguintes elementos: a escrita inicial, os critérios de avaliação ligados a ela, a avaliação de cada passo e a elaboração de uma nova tarefa. Em resumo, o bilhete deixa claro o trabalho de reescrita que pode aprimorar o texto. Para alcançar essa clareza, o professor precisa:

Ter planejado bem o projeto de trabalho: qual o gênero – quem escreve para quem, com que propósito e em que situação de interlocução?

Ter conseguido tornar esse projeto claro aos alunos: com que propósito escrevo e para quem? O que sei sobre o que escrevo e o que preciso aprender?

Ter explicitado os critérios de avaliação dos textos a serem aprimorados: como se caracteriza um bom texto neste gênero?

Ter realizado uma avaliação do texto que será motivo de intervenção por meio de bilhete: como está este texto em relação aos critérios de qualidade?

Escrever o bilhete de modo a formular com clareza uma tarefa de reescrita que aproxime o texto dos critérios de qualidade estabelecidos anteriormente.



Nessa etapa do trabalho, os bilhetes passam a integrar questões de sentido à composição do texto e aos detalhes de uso da língua, sem deixar de preservar as marcas do autor. Nessa hora, o professor precisa novamente partir, e muitas vezes, dos pontos fortes do texto e pedir mais. A consideração dos pontos fortes tende a preservar a voz do aluno: aprimorar um texto não é perder a singularidade! Já as novas tarefas de reescrita, ou seja, as solicitações de reformulação, estão mais relacionadas ao repertório de usos ligados àquele gênero, que muitas vezes os alunos desconhecem ou, se conhecem, controlam de modo imperfeito. Novamente, vamos dar uma olhada em alguns exemplos entre os bilhetes da professora Bruna.

Luiz, tu tens duas estrofes sobre temas um pouco diferentes. Que tal juntá-los num todo coerente? Antes de ganhar o cinturão, o boxeador era infeliz? Ninguém reconhecia seus talentos? Nem a menina solteira? E depois de ganhar ele foi um vencedor só no esporte ou passou a vencer na vida, confiando mais em si? E a menina, se interessou por ele depois de ele se tornar vencedor?

Lucca, usaste muito bem as comparações e metáforas que discutimos em aula. Agora, que tal fazermos mais umas estrofes? Podes falar sobre as outras coisas que vês no céu, como pássaros, vento, trovões, ou sobre o próprio céu. Como ele é? De que cor ele é? Ao que isso se compara? Se quiseres, também podes continuar falando das nuvens. Já falaste de como elas são brancas e fofinhas, mas elas também ficam bastante escuras...

Mário, teu poema está bom, mas pensa no sentido das rimas. O que o quero-quero tem a ver com querer a menina? Você se sente leve? Se sente voando longe, no céu? Tem vontade de cantar? Escreve isso pra deixar mais claro. E o que tu queres dizer com "a vida é um anexo"? Lembra que as rimas têm que ter sentido. Quem sabe outra palavra? Se isso não é importante para o poema, podes colocar outros versos. Se você quer a menina, como pode beijá-la pensando na Ane? Talvez essa parte não esteja de acordo com o resto do poema. Podes falar mais sobre o que você faria para conseguir ficar com ela, como no final do poema: dançaria tango no teto, tiraria água do deserto, e que mais?

## ■ Um parceiro conhecido e solidário

Por fim, é preciso lembrar sempre que esse texto escrito, pertencente à atividade pedagógica, é um **bilhete** orientador. O que faz dele um bilhete, afinal? É claro que não se confunde com os bilhetes que trocamos em casa, nem com o correio amoroso ou jocoso que circula entre os alunos... Mas não se pode perder de vista que há boas razões para se ter nomeado esse gênero de bilhete. Algumas pistas para isso estão nos interlocutores, no propósito, na composição e no estilo dos bilhetes, de modo geral. Bilhetes são textos curtos, que sinalizam de diversas maneiras que o locutor e o destinatário se conhecem e conhecem uma situação externa ao texto que lhes é comum; além disso, servem ao propósito de realizar ações conjuntas da vida cotidiana que são necessárias ou desejadas, mas que não podem ser comunicadas pela conversa oral, face a face, por alguma razão. Ou seja, mandamos bilhetes para lembrar, pedir, avisar, dar recados etc., para aqueles com quem convivemos muito, e até intimamente, quando fica difícil encontrar esse alguém. Não é mesmo perfeito para os nossos propósitos?

Tudo começa com o que chamamos de desafio ou quebra-cabeça: queremos estar com cada um de nossos alunos no empreendimento comum e (re)conhecido de escrever um texto, mas não temos condições de estar com cada um deles no período da aula. Note que nos bilhetes esse conhecimento mútuo sobre a situação e a construção da reescrita como meta comum aparece em vários índices. A professora fala do texto como um conhecimento compartilhado por ambos – menciona trechos ou ideias do texto que ela e seu aluno conhecem sem precisar mostrar ou copiar. Ela dá recados ou dicas, que são expressos como possibilidades – “podes” ou “que tal” – e ainda faz perguntas. Em seus bilhetes, ela chega até a expressar que a reescrita é algo que farão juntos: “Agora, que tal fazermos mais umas estrofes?”.



Além disso, os bilhetes são curtos e sempre têm uma ou outra pitada de informalidade: tratam o interlocutor de modo bem direto, como uso de “tu” alternado com “você”, bem ao gosto da fala; espalham um “pro” ou “pra” aqui e ali etc. Tudo isso vai autorizando o locutor a ser diretivo às vezes, como em “Deixa isso mais claro pro teu leitor”. O imperativo, contudo, não torna esse locutor um julgador que desqualifica o texto, como em muitas correções com que convivemos! O bilhete converte o professor no companheiro de um fazer cotidiano que faz parte da vida – escrever –, e isso lhe dá o direito de pedir certas coisas de modo bem direto.

Enfim, depois de ler a primeira e a segunda versão do poema escolar “Jogar bola” e o bilhete orientador que suscitou a primeira reescrita, experimente com seus alunos essa produtiva mistura de avaliação, ensino e companheirismo. É certo que você vai conseguir catalisar muita aprendizagem!

## JOGAR BOLA

(versão 1)

Eu gosto de jogar bola  
Mas não sou muito bom  
Só jogo por diversão  
Jogo no gol com muita garra no coração  
Sempre tento fazer gol, sem desistir  
Quando faço um gol nunca esqueço de sorrir  
Jogar bola é legal  
Ainda mais porque é uma maneira de se divertir

Alberto, jogar bola é legal, porque é uma maneira de se divertir. Mas o que mais pode significar jogar bola? Estar com os amigos? Fazer exercício? Que tal falar um pouco disso no poema? Se você quiser, também pode descrever o que acontece no jogo. Por que você não é muito bom? Quando você joga no gol, o que você tenta evitar? E quando você tenta fazer gol o que mais você sente? Coragem? Força de vontade?  
Sugestões de palavras e temas: persistência, superação do medo, euforia, espírito de grupo, time, comemorar, aplausos, torcida.

## JOGAR BOLA

(versão 2, primeira reescrita)

Eu gosto de jogar bola  
Mas não sou muito bom  
Não tenho muita coordenação  
Mas só jogo por diversão  
Jogo no gol com muita garra no coração.  
O chute é forte, mas eu tenho determinação.  
Tenho que defender meu time em qualquer ocasião.  
Para jogar futebol não pode ter medo.  
Tem que ter espírito de grupo  
Senão o time perde tudo  
Sempre tento fazer gol, sem desistir.  
Quando eu faço um gol, nunca me esqueço de sorrir.  
Tem dias que não estou muito bom  
Mas deixa, porque meus amigos fazem gol  
Quando alguém faz um gol, é só alegria, todo time fica feliz  
Jogar bola é legal  
Ainda mais porque é uma maneira de se divertir  
Vou continuar e treinar  
Fazer muitos gols pra torcida delirar!

### ■ Para pensar mais...

Foi um grupo de pesquisadores da Unicamp quem chamou de catalisadores certos gêneros presentes no campo do ensino-aprendizagem da linguagem. Você pode ler sobre isso no livro *Gêneros catalisadores: letramento & formação do professor*, organizado por Inês Signorini e publicado pela Parábola Editorial.

Também está disponível na internet o texto “O bilhete orientador: um gênero discursivo em favor da avaliação de textos na aula de línguas”, na revista *Cadernos do IL*, nº 42, no endereço < [www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil](http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil) >.

Que pode pensar um leitor que lhe vê cair nas mãos um novo livro de Marina Colasanti? Desde 1981, quando saiu *Uma ideia toda azul* e seu marido [Affonso Romano de Sant'Anna] escreveu, no prefácio, que enquanto as pessoas liam contos de fada ele vivia com uma, Marina, editora do já emblemático “Caderno B” do *Jornal do Brasil*, cronista perspicaz de revista feminina (*A nova mulher*) entrou para um terreno escorregadio academicamente falando, o da literatura dita infantojuvenil.

# A contadora de histórias ou a moça tecelã

Eliana Yunes

Mas quem pegasse em mãos aquele livrinho fino, capa azul, com uma donzela medieval e seu bastidor, alinhavada em traços de gravura, poderia imaginar por associação, histórias românticas do tempo de cavaleiros que se queriam cavalheiros e em que as mulheres, bordando, os esperavam. Mas desde o primeiro miniconto, surpresa maior: pequenas e delicadas tragédias, a peleja feminina pela realização de seus desejos, tal como enunciada por Andersen em sua *Sereiazinha*, a busca de imagens novas para falar dos antigos e secretos anseios a que casamento nenhum traz satisfação, citações sutis de muitas leituras lidas pelo avesso, enfim, uma fada de sonho em carne e osso.

Marina tomava corpo frente a novos leitores. Não mais os aspirantes a intelectuais do *JB*, nem as aprendizes de feminismo de



**Eliana Yunes** é mestre em letras, doutora em linguística e em literatura, com pós-doutorado em leitura. É coordenadora adjunta da Cátedra Unesco de Leitura, na PUC-Rio, onde leciona. É professora visitante de diversas universidades do Brasil e do exterior.



revistas mensais, mas indecisos adultos, encarregados de apresentar o livrinho ao público pequeno para o qual parecia talhado, hesitantes – com aqueles finais “infelizes” – de que o livro não fosse em verdade para os de mais “sólida formação”. Lidos “Atrás do bastidor” ou “A primeira só” ou ainda “Sete anos e mais sete”, a tal faixa etária escapava entre os dedos, porque um mundo inconsciente como o dos contos e das lendas abria-se a gente de idades muito diferentes: “literatura não é para entender, mas para sentir”, diria Drummond, amigo da escritora. E seu fio de tinta, a bico de pena e faca seca, a sublinhar o imaginário do leitor.

Não é aqui o espaço para análises da obra e seus possíveis públicos, coisa, aliás, que teses e dissertações acadêmicas vêm fazendo com perspicácia interdisciplinar, recorrendo à antropologia, à psicanálise, à filosofia e à teoria da literatura, pelo menos; sem esgotar o que cada conto de *Os doze reis e a moça no labirinto do vento*, *Longe do meu querer*, *Entre a espada e a Rosa* traz em sugestão para que o leitor olhe para dentro e se pergunte coisas, os livros que se sucederam não a aprisionaram no que seria “um gênero” e desdobraram o traço poético em *Rota de colisão* e *Passageira em trânsito*, ampliando o público que se fidelizou a cada obra. Traduções, prêmios, viagens, conferências... eis-nos aqui!

Aceitamos hoje, entre as muitas teorias sobre a verdade a que aspiramos e que nos garantiria o dualismo sem culpas entre falso e verdadeiro, que nossa cultura é feita em boa parte de imaginário, que gera realidade; por outro lado, a realidade é ficcionalizada não apenas na literatura e outras artes. Fala-se em autoficção como autobiografia e com frequência narrar é nosso modo efetivo de

existir. Contar ainda é, sob qualquer suporte, a maneira de garantir a história que nos pertence e à qual pertencemos e que faz nossa passagem neste planeta e universo; a história da humanidade: muitas versões.

Neste pequeno volume [*Como se fizesse um cavalo*] estão duas versões de Marina. Ambas escritoras, uma enlevada pela palavra do outro que se entremeou visceralmente à sua, outra em que, distanciada e ao mesmo tempo no meio do mundo, o lê. Marina, de voz mansa e suave, não tem temperamento das fadas dos contos mágicos que leu, mas sob o olhar etíope, na pele clara emoldurada por cabelos ruivos, habita uma pensadora perspicaz de sua própria história e da cultura. Suas fadas subvertem o mundo e se, por um lado, põem a mão na massa e servem a mesa com trutas perfumadas, por outro vão à luta por causas que não dependem de varinha de condão.

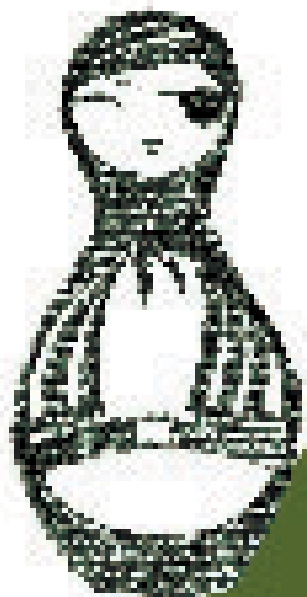
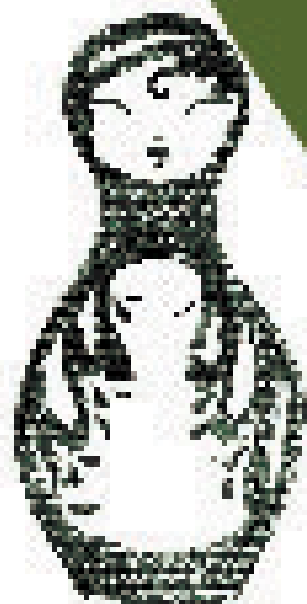
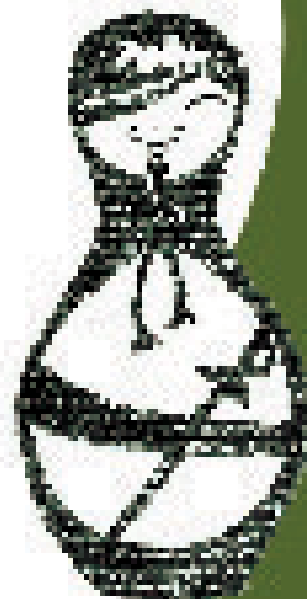
No primeiro texto, a partir de pretexto sempre buscado no diálogo com outro pensador, Marina nos conta sua história de leituras, de forma aparentemente espontânea, deixando-se, ao sabor da memória, indo e voltando, a recolher as leituras que a constituíram. Sim, porque Marina, sob a desculpa de estar tirando da estante os livros que a guardam, como o mármore que guarda o cavalo, acaba por nos indicar o que fica de todas elas como provocação à sua escrita: este o cristal do seu texto. As leituras só se guardam porque estão à mostra, confessadamente, na sua escrita. Pinóquio? Presente! Mosqueteiro? Presente! Pirata? Presente! Ilhas misteriosas? Presente! Viajantes marinheiros? Presente! Castelos e torres altas? Presente! Mitos e fadas? Presente! (O leitor de Marina agora nomeie um a um, comigo, como num jogo mágico.)

Marina vai entregando sua história de leitora desde a voz dos mediadores à antiga, mãe, babã, avó que liam para ela com a lógica da linguagem escrita, que tem ritmo e métrica próprios e, sobretudo, não a abandonavam nessa hora das sombras que é a noite e o sono para quem a vida é luz e movimento. Gente como Daniel Pennac já lembrou isso algumas vezes.

Uma viagem e tanto no primeiro texto “Como se fizesse um cavalo”, como se estivesse a cavalo, como se fosse um cavalo, a percorrer de crina ao vento como aquele seu unicórnio, levando na montada não o rei errante, mas a rainha de rédeas em punho, narradora que nos conta o mundo possível, imaginado, temido, desejado. O mundo que nasceu de seus olhos, passou por seu coração e mente, desceu às páginas que estavam em branco e por seus dedos hábeis nos legaram travessias que sozinhos não as faríamos.

Pela mão, igualmente, ela nos conduz aos romancistas russos, aos poetas franceses, aos conterrâneos italianos, aos narradores americanos. Ela vai, a pedido, largando livros em nosso caminho e já temos um programa de leituras para os próximos anos, entre ladrões e detetives, entre estórias e histórias, entre encontros (Clarice, Drummond, Cabral, Bandeira... Affonso, porque, não?) e despedidas, como a recente de Bartolomeu Campos de Queirós. Marina, nove fora todas as leituras, não se acha como pessoa, pois como profissional da escrita é toda réplica, releitura, escritura, como apontou Roland Barthes.

Há outra versão de Marina, no segundo texto “O Livro, entre Barbie e a longa noite”. Poético, não? Mas de poesia não se trata aqui. Uma pensadora arguta, mulher de seu tempo, viajadora atenta, Marina, a pretexto da assim



chamada crise do livro – fim ou não? –, nos convida a fazer um passeio por outro bosque que não o da ficção com Eco, mas o do mercado com os consumidores. Sua defesa convicta do livro impresso, sem nenhum ataque raivoso aos *e-books*, ganhou esta semana o apoio de um físico-linguista, Robert K. Logan, discípulo de McLuhan, ao afirmar que “o cérebro humano é viciado em tinta e papel” e que os mais sagazes combinarão impresso e virtual, em breve.

Também essa reflexão é pretexto para ler, ler o mundo, ler o mundo contemporâneo, ler a cultura que carregam livros e *pixels*, ler o mercado, das Barbies às Feiras de Livro, sobretudo, ler as relações entre autores, leitores e editores. Ler as editoras, sua passagem das famílias aos grupos, destes aos conglomerados, do editor aos conselhos, em que a repetição e a quantidade esmagam a qualidade e a originalidade. “Tantos são os livros”, se queixa de não dar conta, mas “tão poucos com algo que efetivamente me convoque!”. Livros “para todos, a mão cheia” como queria o poeta romântico, Castro Alves, livros que abram a porta do banquete que a narrativa, da culinária aos mapas, buscou registrar.

Pontos de vista diversos, democratização das vozes e intervenções, crítica, resenha, resumo, suplementos literários, revistas acadêmicas, *blogs* assinados permitam que se saiba dos livros sem que um leitor o tenha lido! Marina põe na mesa de debates os papéis agora múltiplos que cada um exerce, a ponto de se criar coautor sem aviso prévio ao parceiro: já encontrou texto de Marina como se fosse de Clarice e vice-versa?

Marina não se lamenta, constata, não se toma posição que não impõe a ninguém. As

ondas mercadológicas trazem com pressa novos *best-sellers*, que são abandonados como encalhes, recolhidos em compras inadvertidas de livro barato para limpar os estoques editoriais. Tendências que correm atrás de um público despreparado para saber que tem direito ao bem e ao melhor, a reboque da mídia eletrônica que tem tornado notícias em narrativas instigantes. Orientais? Temos! Japoneses? Temos! Escandinavos? Temos! Latino-americanos? Tivemos, e até dois Nobel!

Sua equação tem lógica e lucidez: livros também servem para passar o tempo, que pode estar vazio de sentido sem que se queira preenchê-lo com essas elucubrações... Mas de que se alimenta – pergunta – essa voracidade do mercado que quer tudo e todos na sua mão? Da demanda, responde. Demanda ordinária? Forjada? Mas demanda. Então Marina desemboca na sabedoria dos antigos e modernos, sem querelas: educar, educar o olhar, a percepção, a reflexão... Educar desde a infância para que se reconheça o ético e o estético antes que se leia unicamente, e por necessidade, manuais sobre eletrônica e máquinas e que os contos que nos preguem se resumam a faturas de “contabilidade”. Sem choro nem vela, a sério, educar é preciso e as narrativas do humano são as que nos podem humanizar.

As reflexões de Marina aqui reunidas, vindas de espaços diversos, ajudam a entender porque pessoas como ela – ficcionistas e leitores críticos – são vitais para que a palavra não perca seu tom, seu lugar entre nós.

março de 2012

Texto de abertura do livro de Marina Colasanti. *Como se fizesse um cavalo*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, pp. 6-15.



Parceria



Coordenação  
Técnica



Iniciativa



MISTO

Papel produzido a partir  
de fontes responsáveis

FSC® C020971